

# **A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A PAZ**

## **Perigos e Perspectivas de uma Tecnologia Emergente**

Frederico Gama Carvalho  
OTC-Organização dos Trabalhadores Científicos

**ENCONTRO PELA PAZ, Loures, 20 Outubro 2018**

Os inevitáveis excessos da globalização capitalista, designadamente, mas não exclusivamente, nos países mais pobres, com a apropriação ilegítima de vastos recursos naturais e uma impiedosa exploração do trabalho por parte das grandes corporações multinacionais com o apoio dos poderes políticos que controlam, ensombram o futuro do Planeta e têm na guerra um instrumento indispensável para manter a ordem que as sustenta.

O desenvolvimento tecnológico acelerado associado ao conhecimento científico em diversos domínios, incluindo as ciências sociais e humanas, vem permitindo o aparecimento de novas armas e de novas formas de guerrear perigosamente desestabilizadoras no plano geopolítico e das relações entre estados.

O surgimento das armas inteligentes, que definiremos a seguir, foi já considerado como representando “*a terceira revolução na arte da guerra, a seguir à pólvora e às armas nucleares.*”

Uma arma inteligente é fruto da integração de conhecimento especializado de dois domínios da Ciência e da Técnica: a Robótica e a Inteligência Artificial. Por *Inteligência Artificial* pode entender-se “*a capacidade de um computador ou robô controlado por computador de desempenhar tarefas normalmente associadas a seres inteligentes*”. A expressão “*Inteligência Artificial*” é frequentemente aplicada a projectos que têm como objectivo desenvolver sistemas dotados dos processos intelectuais que são característicos dos seres humanos, tais como a capacidade de raciocinar, descobrir sentido, fazer generalizações ou aprender com experiências passadas. Os chamados algoritmos de auto-aprendizagem constituem uma pedra angular da IA.

A arma inteligente caracteriza-se por assentar em algoritmos ditos “cognitivos” que permitem aprender com experiências anteriores, podendo sem qualquer interacção humana recalibrar-se ou reprogramar-se de acordo com essa experiência e com a informação que recebe dos seus sensores próprios. Assim o comportamento da arma inteligente não é completamente previsível o que levanta questões merecedoras de séria atenção nos planos da ética e da moral, e no plano jurídico-legal, da atribuição de responsabilidades. No caso de um veículo autónomo civil, embora possam ocorrer acidentes fatais, o fabricante deve adoptar todas as soluções tecnológicas possíveis para os evitar. Quando se trata de armas inteligentes, aquilo que orienta o fabricante é potenciar a letalidade do seu equipamento. No primeiro caso procura-se evitar desastres fatais, no segundo deseja-se provocá-los.

A questão da proibição de armas inteligentes, designadamente dos chamados “robôs assassinos” está na ordem do dia. Em anos recentes, multiplicaram-se tomadas de posição colectivas de investigadores e técnicos, visando a sua proibição e o fim das aplicações militares da Inteligência Artificial. Ao mesmo tempo, a questão é debatida em organismos internacionais integrados no sistema da Organização das Nações Unidas. Já em outras ocasiões tive oportunidade de citar a seguinte passagem de um documento oficial da Santa Sé, apresentado há dois anos num Encontro de Peritos enquadrado na “Convenção sobre Armas Desumanas”,

que está em vigor desde Dezembro de 1983: “ (...) a ausência do combatente humano induzirá o desaparecimento daquilo que a relação de uma pessoa com outra pessoa e a descoberta da face do outro poderia suscitar, Uma máquina é incapaz de empatia real (...). A máquina não se abre a um inesperado perdão e a uma real possibilidade de reconciliação ou de pacificação”. É uma posição clara que vai muito para além das questões de natureza tecnológica ligadas ao desenvolvimento e utilização destas armas.

Frederico Carvalho  
20 de Outubro de 2018